


## ***Punks x São Paulo: As representações da cidade presentes nos fanzines (década de 1980)***

***Punks x São Paulo: The representations of the city present in the fanzines (1980s)***



PRADO, Gustavo dos Santos\*

 <https://orcid.org/0000-0002-9710-6455?>

**RESUMO:** O artigo procura investigar as interpretações que os punks tiveram da cidade de São Paulo, ao longo da década de 1980. Para tanto, o trabalho analisará os seguintes impressos que circularam no movimento *underground* da cidade: Falange Anarquista (1987), Violência Gratuita (1988, 1989), Aos Berros (1986), Sp Punk (1982), Chantagem Ocasional (1987) e Ex (s.d). Os temas recortados nesses impressos foram a violência, transporte urbano, custo de vida, participação política e meio ambiente. Metodologicamente a pesquisa propõe uma análise dos fanzines através das reflexões de Cruz e Peixoto (2007). As imagens foram problematizadas seguindo as propostas de Didi – Huberman (2010). Espera-se que ao final, o artigo consiga trazer uma interpretação das tensões vividas pelos punks na cidade de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Punks; fanzines; São Paulo.

**ABSTRACT:** The article aims to investigate the interpretations that punks had of the city of São Paulo, throughout the 1980s. To this end, the study will analyze the following forms that circulated within the underground movement of the city, namely: Falange Anarquista (1987), Violência Gratuita (1988, 1989), Aos Berros (1986), Sp Punk (1982), Occasional Blackmail (1987) and Ex (s.d). These forms encompassed themes such as violence, urban transport, cost of living, political participation, and the environment. Methodologically, the research proposes an analysis of fanzines through the reflections of Cruz and Peixoto (2007). The images within the fanzines were critically examined following the proposals put forth by Didi-Huberman (2010). Ultimately, this article aims to provide an interpretation of the tensions experienced by punks in the city of São Paulo.

**KEYWORDS:** fanzines; punks; São Paulo.

*Recebido em: 19/02/2023*  
*Aprovado em: 22/04/2023*

### **Introdução**

Os *fanzines* foram grandes manifestações culturais da segunda metade do século XX. Trata-se de um tipo de impresso que permitia a circulação de várias ideias para um determinado reduto de fãs (GUIMARÃES, 2005, p. 36-55). Ray Palmer criou o primeiro

---

\* Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista, Assis – SP, mestre e doutor em História social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Professor do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – Paraná. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com.



fanzine chamado *The Comet*, em 1930. Henrique Magalhães (2004, p. 11) defende que a palavra *fanzine*, como sinônimo de “magazine de fã”, tenha sido usada pela primeira vez em 1941 por Russ Chauvenet, nos Estados Unidos.

Edson Rontani criou o Ficção, primeiro *fanzine* produzido no Brasil, em 1965. Independente e amador, o *fanzine* era produzido por um único editor, que contava com uma rede de colaboradores formada por fãs ou admiradores de um determinado assunto ou tema: música, artes, filosofia, quadrinhos. Pelo fato de os editores não sobreviverem da difícil atividade de produzir um *fanzine*, historicamente os impressos apresentaram produções irregulares e efêmeras (MAGALHÃES, 2004, p. 45).

Mark Perry, bancário norte-americano de 19 anos, editou o primeiro *fanzine punk* chamado *Sniffing Glue* após assistir a um show dos Ramones. Ele estimulava outros jovens *punks* a produzir os seus próprios impressos, seguindo à máxima *punk* conhecida como *Do it your self* (faça você mesmo). Em São Paulo, os primeiros impressos surgiram em 1982, com o Factor Zero, MD e SP Punk. (PRADO, 2019, p. 30).

O momento era difícil para o mercado *underground*. O *punk* havia caído em estado de descrédito por conta de sua incorporação massiva no mercado de bens culturais. Ganhou relevo a figura do empresário Malcolm McLaren, que tinha percebido que a proposta artística *punk* – canalizada pelos *Sex Pistols* – e seu discurso anarquista soariam bem nos ouvidos de jovens britânicos que haviam sido colocados na marginalização social por conta do Choque Mundial do Petróleo de 1973 e o neoliberalismo agressivo de Margaret Thatcher (PRADO, 2017, p. 34-35).

Os *fanzines* de São Paulo surgiram trazendo à reflexão a proposta *hardcore* (miolo duro), vinda dos Estados Unidos e Reino Unido e que tinha uma pauta mais politizada e radical. *Flyers* e os próprios *fanzines* apareceram como possibilidades reais para circular as ideias dentro do mercado *underground* (GALLO, 2015). O *hardcore* forma uma “paisagem sonora” (SHAFER, 2011) que tinha tempos acelerados, canções curtas, interpretação agressiva, vocais estridentes, notas pesadas e abria espaço para revoltas individuais e coletivas (OLIVEIRA, 2001, p. 134).

Uma boa parte dos *fanzines punks* produzidos na década de 1980 tinham uma estética agressiva, caótica e poluída (PRADO, 2014). Os impressos foram produtos diretos da “cultura gráfica” (CHARTIER, 2007) daquele momento. Os *punks* representavam uma estética rude na sociedade, seja na dança (*mosh pit*), na linguagem (repleta de palavrões), no vestuário (jaquetas, botas operárias e botons) e na total negação ao capitalismo e ao Estado, oriunda da influência da cultura anarquista. Tais ideias e práticas circulavam pelo cotidiano dos *punks*, que as representavam no papel através da estética da colagem.

É claro que a divulgação de bandas, shows e outros *fanzines* tinha importância para os editores *punks*. Em 1982, o *Factor Zero*, o MD e o SP Punk apareceram para divulgar o show de lançamento do LP “Grito Suburbano”, que reuniu bandas importantes à frente da Estação Santana, em São Paulo, a exemplo do Olho Seco, Inocentes e Cólera.

**Imagem 1.** Folder de divulgação do show de lançamento do LP Grito Suburbano. SP Punk. São Paulo, 1982.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)<sup>1</sup>

No entanto, para além de bandas e músicas, os editores *punks* colocaram em discussão no interior dos seus impressos um retrato complexo do cotidiano da metrópole de São Paulo. Integrantes de bandas e editores de *fanzines punks* surgiram no fim da década de 1970 e início dos anos de 1980, período marcado pela crise do “milagre econômico” que levou à sepultura a Ditadura Civil-Militar (DREIFUSS, 1981).

Metodologicamente, a análise dos *fanzines* é uma tarefa árdua; muitos não registram nomes de editores, cidade ou mesmo ano de publicação. São raros os impressos que possuem uma mínima organização: predominam a falta de colunas, frisos e subtítulos, afinal, sua organização caótica tem os seus motivos. A efemeridade dos números, a baixíssima tiragem e a linguagem rebuscada criaram enormes desafios (PRADO, 2019)

---

<sup>1</sup> O Centro de Documentação e Informação Científica, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, detém um arquivo chamado “Movimento Punk”, onde o pesquisador realizou a coleta documental. A pesquisa no arquivo resultou na digitalização de 100 impressos. O pesquisador teve contato com mais de 500 *fanzines*, coletivos anarquistas e outros documentos que foram doados por Antônio Carlos de Oliveira à Instituição.

A proposta de análise de impressos de Cruz e Peixoto (2007) permitiu ao pesquisador catalogar o projeto gráfico, produção e distribuição, circulação, proprietário (nome do editor), assuntos, músicas, bandas, shows e fitas/LPS/compactos. Tendo em mente a difícil transição da democracia e a péssima gestão econômica de José Sarney, que deteriorou ainda mais a condição de vida nas periferias das grandes cidades brasileiras (PRADO, 2017), o pesquisador encontrou nos *fanzines* de São Paulo cinco temas que discutem à metrópole: a violência policial, o custo de vida, as eleições municipais, o transporte público e o meio ambiente insalubre. O artigo segue problematizando o importante papel que os *fanzines* tiveram para que os editores refletissem sobre o seu próprio cotidiano na cidade de São Paulo.

### **Punks x São Paulo: As representações da cidade presentes nos fanzines (década de 1980)**

O *rock*, desde a sua gênese, deixou uma marca profunda no ambiente urbano. Usou do espírito de contestação da década de 1960 e criou um clima cultural que permitiu uma discussão fecunda de vários dilemas e conflitos pelos quais passaram a juventude, que para além da simples idade, tornou-se uma “estética da vida cotidiana” (SARLO, 2006, p. 36).

Bandas de garagem passaram a criar e ressignificar suas próprias identidades, jogando com os nomes, assim como ocorreu com estilos visuais e sonoros, “num malabarismo de criatividade orientado para o prazer e o arranjo musical” (PAIS, 2006, p. 32). Para além dos nomes das bandas, os títulos dados aos *fanzines* pelos editores já revelariam traços de um cotidiano sofrível em uma cidade amalgamada pela segregação econômica: *Aborto Imediato para renascer um novo espermatozoide*, *Agonia*, *Ato Punk*, *Vítimas do Sistema*, *Alerta Punk*, *Incivilizado*, *Nervoso Exposto*, *Os explorados*, *Violência Gratuita*, *Descarga Suburbana*, *Lixo Cultural*...

**Imagem 2.** Falange Anarquista. São Paulo, 1987



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

**Imagem 3.** Violência Gratuita. São Paulo, 1988.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

Dialogando com a linguagem dos quadrinhos, típica do universo do jovem, o Falange Anarquista explorou uma temática cara aos *punks*, que seria a violência policial. O tema é corriqueiro nos *fanzines* de São Paulo, sendo encontrado em todos os impressos feitos por *punks* da cidade. A Polícia Militar manteve sua conduta repressiva durante e após a abertura democrática. Mesmo com a proposta de “distensão lenta, gradual e segura” e a promessa de abrandamento da Ditadura Civil – Militar, o final do mandato de Ernesto Geisel e o início da trajetória de João Figueiredo foram marcados por inúmeros atritos entre a população e as forças de repressão, que insistiam na manutenção da conduta coercitiva, inclusive desrespeitando ordens vindas do centro do governo militar (GASPARI, 2003).

Analisando a imagem em movimento, no qual Didi-Huberman, concordando com Walter Benjamin insinua que a prática analítica da imagem revelaria um turbilhão de possibilidades que “nos obriga a escrever esse olhar” (2010, p. 172), nota-se que o *punk* representado foi abordado por um policial com a arma engatilhada como se fosse um bandido. Daí então o “PM” perguntou: “Aí, marginal, quem é o seu inimigo?”. Por seu turno, o *punk*, rendido, diz: “É todo aquele que tenta me tirar a liberdade”.

Forças policiais e a própria mídia da época gostavam de reproduzir a face violenta dos *punks*, que, de fato, tinham inúmeros problemas por conta das intrigas internas, que



foram inclusive discutidas no interior dos *fanzines* (PRADO, 2019). No entanto, o desenho exposto ajuda a entender a forma com que o próprio Estado agia com os *punks*.

A face agressiva e violenta do policial (ver a boca mostrando dentes cerrados de forma rude e o olhar frio) tornou-se um espelho da própria conduta da Polícia Militar durante a década de 1980: mesmo em tempos de abertura política, as forças de repressão insistiram na ideia de tratamento coercitivo, alegando que seriam os “guardiães da democracia” e usando excessivamente do poder (ZAZERUSCHA, 2021. Apud: CASTRO, Celso; D’ÁRAÚJO, 2001, p. 12) A Violência Gratuita externou de forma satírica como era truculenta a ação do Estado: “Venham com a gente, os PMS humilham, batem e matam”.

**Imagem 4.** Aos Berros. São Paulo, 1986.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

A Polícia Militar do Estado de São Paulo seguiu à risca a cartilha encomendada pela Nova República, que delegava à PM o direito de tutelar as relações entre Estado e sociedade civil, resultando em um ciclo de violências e excessos que ainda continuam rotineiramente cristalinos com populações que vivem nos extremos da cidade de São Paulo.

O editor de *Aos Berros* trouxe uma representação da força e violência da Polícia Militar, que estaria obedecendo às ordens de repressão do governador do Estado de São Paulo. Provavelmente, o fragmento foi retirado de uma charge da grande mídia, haja vista que é incomum nos *fanzines* concederem créditos aos materiais que serviram de base para a estruturação do impresso.

Policiais da Rota foram representados grandes, fortes e obedientes às ordens do mandatário (vide como o desenho coloca os policiais com o rosto cheio de sorrisos e feições alegres). Entre as décadas de 1970 e 1990, houve um aumento exponencial da violência, e, com o processo de redemocratização, surgiram vários estudos preocupados com a ação violenta das polícias, que se acostumaram durante a Ditadura Civil-Militar a realizar operações de rondas em que eram feitas detenções e “revistas” de forma discriminatória e ilegais, criando um clima de vigilância, visando coibir manifestações populares (NEME, 1999, p.31). No caso da Rota, criada nos anos de 1970, ela ficou

conhecida por sua ação violenta repleta de ilegalidades, seja forjando cenas de crimes ou até mesmo promovendo assassinatos em massa, escondendo marcas nos corpos e fazendo desaparecer testemunhas (FISH, 2016).

Como a cidade é palco da história, sua territorialidade sempre é construída por múltiplas experiências individuais e coletivas que desnudam as suas próprias contradições (MATOS, 2002, p. 34-35). *Fanzines punks* trouxeram a cidade de São Paulo repleta de violência, afinal, é conhecida a trajetória brasileira que tem a tendência de associar a pobreza à criminalidade, principalmente em áreas periféricas. Os jovens *punks* viviam nas periferias da cidade nas zonas norte, oeste, leste e sul e usavam escolas e associações de moradores como locais de encontro (OLIVEIRA, 2007, p. 27).

Bandas importantes como Restos de Nada, Al-5, Cólera e Condutores de Cadáver começaram a surgir a partir da socialização de estudantes da Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo, na Zona Norte da cidade (TEIXEIRA, 2007, p. 78-79). Ali, iniciaram suas experiências juvenis, seguindo a cartilha da cultura *punk*, que serviu para eles refletirem o duro cotidiano que foi vivido naquela conjuntura histórica.

Além da já trabalhada violência policial, outro tema comum nos *fanzines* de São Paulo foi o preço das passagens de ônibus. Este apareceu como algo oneroso, ainda mais para jovens que viviam na periferia da cidade e que dependiam do transporte coletivo para se locomover pela urbe:

O transporte coletivo pelo jeito agora é coisa para rico, porque nós trabalhadores assalariados não podemos pagar o absurdo em que se transformou o preço da tarifa. Está certo que precisamos de mais ônibus, pois não aguentamos mais coletivos que estão caindo aos pedaços, mas o Jânio Quadros tem que entender que estamos passando por tempos difíceis e não iremos passar necessidades para pagar os ônibus que ele está comprando (ou está reformando e pintando de vermelho). Nossa luta é justa pois já não podemos pagar, continuaremos pegando o coletivo e descendo por trás (FALANGE ANARQUISTA, São Paulo, 1987, s.p.).

O *fanzine* funciona como uma espécie de mídia radical, termo bem delineado por John Downing (2002). Nessa interpretação, o *fanzine* expandiria as informações e as reflexões para além do discurso convencional, fora que “frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos” (p. 81).

Nota-se que o Falange Anarquista retrata o reclame dos *punks* contra o aumento das tarifas de ônibus em uma cidade que, historicamente, adotou o perfil individualista, que priorizou carros em detrimento de políticas públicas que efetivassem a implementação de um sistema de transporte que fosse rápido, coletivo e mais acessível (SILVA, 2014, p. 8).

Tal modelo foi preconizado por Prestes Maia, que na sua segunda gestão (1961-1965), optou pelo modelo rodoviário, canalizou vários rios, construiu largas avenidas (Marginais, Aricanduva e do Estado), resultando em uma explosão de áreas periféricas com claro objetivo: negar aos mais pobres e segregados o direito à cidade (ROLNIK, 2009, p. 31-36).

A fonte ainda externa a revolta contra os ônibus que estavam sendo “pintados de vermelho”. Jânio Quadros, prefeito de São Paulo, sem consultar o povo, implementou no centro linhas que tinham ônibus vermelhos, o “Fofão”, de dois andares, similar àqueles que existiam em Londres. Tal medida, que não foi acompanhada de nenhuma consulta popular, veio acompanhada de uma baixíssima aprovação, pois, obviamente, não resolveu o problema do transporte coletivo (SILVA, 2014, p. 8).

O desenvolvimento urbano capitalista previu uma expansão das cidades, aumentando a segregação urbana (visível no Falange Anarquista), o ritmo de trabalho, o aumento nas distâncias e nos tempos da viagem, acirrando os conflitos sociais e trazendo o transporte para a arena do debate político (VANCOSCELOS, 1999, p. 60).

Em São Paulo, bairros operários foram surgindo já no início do século XX, estimulados pelas indústrias têxtil e alimentícia, financiadas pela elite cafeeira. Lapa, Bom Retiro, Brás, Pari, Belém, Mooca, Ipiranga, Santo André, São Bernardo, São Caetano e Osasco foram recebendo grandes contingentes populacionais (MATOS, 2015. Apud: LEENHARDT, 2015, p. 38-64).

Por seu turno, o centro e o sudoeste (Bela Vista, Bom Retiro, Liberdade, República, Sé, Santa Cecília, Campos Elíseos, Higienópolis, Jardins e Paulista) contaram com um bom planejamento urbano, que teve a participação de Joseph-Antoine Bouvard. No Centro, houve a instalação de transporte, redes de telefonia, energia, arborização, espaços para o lazer (Theatro Municipal) e a construção de largas avenidas, resplandecendo uma forma de planejamento similar ao europeu para melhorar a vida da elite paulistana (SEGAWA, 2004, p. 55-96).

São Paulo traz em sua trajetória uma negação da cidade aos pobres, uma vez que a urbe é marcada pelo segregacionismo e a “concentração de poder” (ROLNIK, 1997, p. 14). Os *fanzines* traziam uma discussão dos jovens *punks* com relação ao “direito à cidade” (CARLOS, 2006, p. 75), que historicamente adotou excludentes espacial e urbano.



**Imagem 5:** Falange Anarquista. São Paulo, 1987.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

Há, em vários impressos, um movimento estimulando os *punks* a pular as catracas: “Pagamos caro demais para pegarmos ônibus malconservados e lotados” (FALANGE ANARQUISTA, São Paulo, 1986, s.p.). O documento usa de uma charge oriunda de um jornal de grande circulação, que coloca Jânio num frasco de álcool, para defender que o prefeito era um político atrasado, arcaico e que não teria condições de resolver os problemas da cidade. Os *fanzines punks* eram um tipo de mídia que permitia um debate mais plural da cidade, trazendo à tona reivindicações legítimas que visavam melhorar as condições de vida de jovens que viviam na periferia das cidades e que dependiam do transporte público para o trabalho, o estudo e o lazer.

Vários *fanzines* retratam o atrito dos *punks* com o ex-deputado estadual Afanásio Jazadgi, do Partido Democrático Social (PDS), que surgiu após o fim da Arena, partido que alocou em seus quadros membros da Ditadura Civil Militar durante o tempo que vigorou o bipartidarismo. O jornalista era conhecido por suas opiniões polêmicas em um programa na Rádio Capital, líder de audiência na segunda metade da década de 1980 (MORGADO, 2005, p. 76).

Ouvido por mais de um milhão de pessoas, Afanásio ficou conhecido por opinar sobre crimes com discursos contrários aos direitos humanos: “Rota mata ladrão de linguiça! Bem feito, ladrão tem que morrer”; ou “Rota mata bandidão no Jaraguá! A cidade fica livre de mais um assaltante!... mais um que vai para o inferno” (BARCELLOS, 1992, p. 148-162. Apud Morgado, 2005, p. 2).

Imagem 6. Violência Gratuita. São Paulo, 1988.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

O impresso *punk* coloca que Mauro (Garotos Podres), Rédson (Cólera), João Carlos (Não Religião) e Jacal (Ataque Frontal) fizeram perguntas ao pré-candidato das eleições municipais de 1988, que foi vencida por Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores. Afanásio teria dito que “quebraria a cara” dos jovens. Para além do clima de tensão no estúdio, que segundo o *Violência Gratuita* (São Paulo, 1986, s.p.), “estava repleto de funcionários da emissora prontos para intervir se o episódio descambasse em briga”, o gesto do político polemista era alimentado pela própria cultura de criminalização dos *punks*, que eram constantemente rotulados pela mídia impressa e televisiva como violentos, num intenso processo de “coisificação” (CHAUÍ, 1980) dos partícipes do movimento *punk*.

Difícilmente levava-se em conta o cenário de miséria e exclusão vivida pelos *punks*, tampouco se procurava entender que a própria cultura identitária dos jovens poderia resultar em práticas violentas, pois as rupturas “redundam em graves conflitos com os pais, professores, policiais e, muitas vezes, geram posturas de violência descontrolada e sem direção” (ABRAMO, 1994, p. 34). Afanásio Jazadgi só alimentou em seu discurso a visão distorcida da realidade de jovens *punks*, alimentado por sua interpretação avessa a direitos sociais e à preservação da dignidade da pessoa humana, tradição que infelizmente ainda se mantém viva em vários tipos de programas policiais.

O *fanzine* SP Punk (1982), bem editorado, trouxe uma matéria “A geração abandonada”, do Estado de São Paulo, que representa as visões que a imprensa da cidade tinha dos jovens *punks* que circulavam pela metrópole.

Vamos falar deles também, a seu tempo: dos punk – seupultura, dos punk-de-vômito, dos punk-moicanos, dos punks-do-terror, dos punk-satã, alguns dos quais já se organizavam em gangs de até 600 jovens, homens e mulheres, pálidos e que andam sempre armados. Com correntes, estiletos, facas, canivetes, machados, às vezes, até revólveres. Discípulos de Satã, ídolo que veneram, eles não vêm muita diferença entre Deus e o Diabo, entre Marx, Kenedy ou Hitler, entre Bem e Mal. Eles gostam de bater, só isso. (...) Avessos à política, sujos, segregacionistas, eles cantavam as canções do meteórico conjunto musical Sex Pistols, repetindo que a sociedade está podre, e se ninguém nem eles pode salvá-la, o negócio é destruir de uma vez (1982, s.p.)

O jornalista Luis Fernando Emediato assinou a matéria. Ele desqualifica por completo a ação do movimento *punk*, reduzindo-o à violência e à carência ideológica. Além disso, insinua que os jovens *punks* tinham como único objetivo “bater”, sem pensar em absolutamente mais nada. O argumento do articulista de carência ideológica dos *punks* não se mostrou crível no trato com os *fanzines punks*, já que muitos deles dialogavam com vários ideais de autores anarquistas. Outro ponto que merece destaque do fragmento é o de que os punks autossegregavam-se, quando, na verdade, eles viviam em locais segregados, ainda mais em uma cidade que ao longo do século XX foi planejada para expurgar a convivência dos mais pobres das áreas centrais.

O SP Punk (1982) alega que o Luiz Fernando Emediato não conhecia o movimento *punk*, e que sua opinião estaria eivada de simplismos, de alguém que não conhecia com profundidade os integrantes do movimento, seus sonhos, suas trajetórias e dificuldades. O jornalista, de fato, mostrou incômodo com as práticas sociais dos *punks* de São Paulo, que para além da simples violência, usaram da música e dos *fanzines* para discutirem estratégias de sobrevivência em um ambiente urbano hostil a eles.

Imagem 7. Violência Gratuita. São Paulo, 1989.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

Em um contexto de espiral inflacionária, José Sarney e sua equipe econômica, ao anunciarem o Plano Cruzado, passaram a defender medidas como a elevação da taxa de juros, austeridade fiscal, congelamento de preços e salários. Mesmo com o êxito inicial, movido pela diminuição das taxas de juros internacionais e pela queda do preço do petróleo, setores à esquerda da política como o Partido dos Trabalhadores, a Central Única dos Trabalhadores e o Partido Democrático Trabalhista alegavam que o plano havia deteriorado ainda mais a condição de vida da população mais pobre, favorecendo a vida dos banqueiros e rentistas e criando um clima de descrédito que estimulava as greves (ALMEIDA, 2011, p. 68-74).

O quadrinho que foi colado ao *fanzine* Violência Gratuita representa um problema crônico do Brasil na década de 1980: o custo de vida. São Paulo trazia, naquela conjuntura, o custo de vida mais caro do país, especialmente nos gastos com alimentação (FORATTINI, 1991, s.p.) – problema retratado no impresso. Assistiu-se, ao fim da década de 1980, a um aumento da população pobre, bem como a um aumento da desigualdade social, pois políticas econômicas que tentaram estimular o crescimento econômico (Cruzado II, Bresser e Verão) não surtiram efeito, ampliando ainda mais a carestia e a desigualdade.

Com o salário corroído pela inflação, não causa estranhamento os *fanzines punks* trazerem à baila, com insistência, o precário quadro social que existia na cidade de São Paulo, que ficou ainda pior levando-se em conta que o Brasil, até aquele momento, não havia atacado com políticas públicas a mácula da exclusão social, ou, quando muito, feito um processo de inclusão limitada, “pelos quais o acesso ao emprego, renda e benefícios do desenvolvimento econômico fica restrito a determinados seguimentos da sociedade” (SCHWARTZMAN, 2004, p. 31-32).

Para além da violência, da miséria e da exclusão social presentes nos impressos *punks*, que representam visões de uma parcela do movimento sobre a cidade, nota-se uma grande preocupação dos *fanzines* com os problemas ambientais nesta. De modo geral, a temática foi um dos pilares da contracultura e do próprio *rock and roll*. O Festival de *Woodstock*, nos Estados Unidos, e os movimentos libertários que ocorrem em maio de 1968, na França, assumiram, em vários momentos, um discurso em prol da defesa ambiental (REIS FILHO, et al, 2000, p. 156).

A preocupação com a ação do homem no meio ambiente tinha toda uma lógica que não podia ser ignorada. Na segunda metade do século XX, consolidou-se a compreensão do tempo-espaço, o que intensificou a produção destinada à destruição. Há que se destacar o surgimento do Greenpeace, em 1972, a Conferência de Estocolmo,

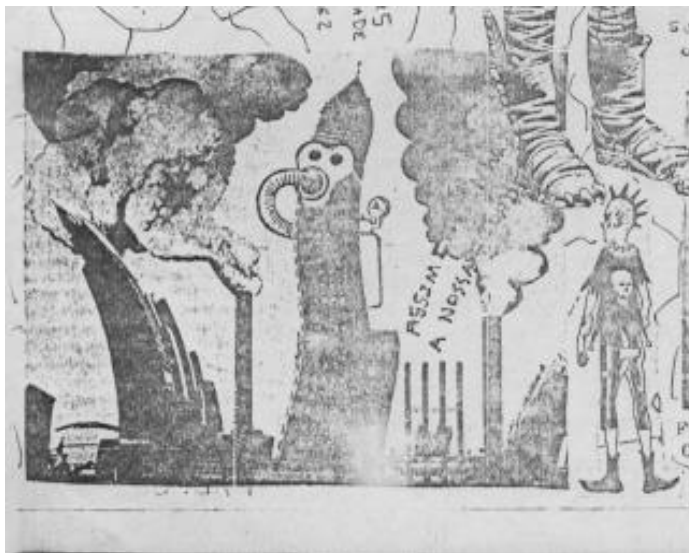
também naquele ano, e o nascimento de correntes que pensariam sobre o meio ambiente, como a ecologia política, o ecossocialismo e o ecocapitalismo (VIOLA, 1986).

Além da reflexão pelos meios de comunicação sobre as consequências destruidoras do efeito estufa, as ilhas de calor, o desmatamento, a chuva ácida e a poluição hidrosférica, houve uma grande comoção em torno da questão nuclear, afinal, havia uma ameaça de aniquilamento, com americanos e soviéticos como protagonistas. Os *fanzines* paulistanos debateram de forma intensa a questão ambiental, que foi incluída no rol de lutas, manifestações e reivindicações do movimento *punk*.

Nesse sentido, a configuração socioespacial da urbe paulista, de certa forma, permitiu um diálogo fértil entre *punks*, dada a precariedade do meio natural. Palco de um grande processo de industrialização e urbanização ao longo do século XX, a cidade de São Paulo possui um histórico de violações à natureza – o esgoto industrial e doméstico lançado nos rios Tietê, Pinheiros e Tamanduateí e a péssima qualidade do ar são as resultantes mais visíveis.

Por seu turno, o anarquismo no fim do século XX trazia um forte discurso fundamentalista, de “horizonte bastante pessimista” que “acreditava na construção de uma sociedade ecologista na periferia da sociedade materialista, desconsiderando as possibilidades de transformação global na sociedade” (VIOLA, 1977, s.p.).

**Imagem 8.** Chantagem Ocasional. São Paulo, 1987.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

A disseminação das organizações não governamentais que defendiam a pauta ambiental, os encontros e conferências climáticas e a mobilização de diferentes segmentos da mídia, difundindo o tema no interior da sociedade civil organizada



(ALONSO; COSTA, 2000, p. 115), também contribuíram para que os *punks* difundissem nos impressos preocupações ambientais.

São Paulo, na fonte acima, foi vista ao fundo por um *punk*, que a observa atentamente com suas fábricas e chaminés exalando fumaça tóxica. A roupa rasgada e a caveira desenhada na parte de trás da camisa dão a sensação de que o *punk* representado vivia no fim dos tempos.

O meio ambiente urbano apareceu nocivo e destruído. Por conta da intensa industrialização, a cidade de São Paulo foi sendo apropriada por uma lógica técnica, científica e informacional, que resultou em vários tipos de impactos ambientais (SANTOS, 2006, p. 159-162).

**Imagem 9.** Ex. São Paulo, s.d.



Fonte: Arquivo Movimento Punk (CEDIC.PUC/SP)

A cidade de São Paulo aparecia como sendo nociva à vida dos jovens *punks*. Repleta de problemas ambientais, a urbe cresceu com ausência de políticas públicas que pudessem combater de forma efetiva a poluição atmosférica (JACOBI, 2006). Refinarias de petróleo, fábricas de celulose, ácido sulfúrico e fertilizantes despejaram no meio ambiente paulistano uma abundância de ácido sulfúrico, que promove irritação das mucosas e vias respiratórias, bem como contribuíram para a formação das chuvas ácidas. Partículas em suspensão foram despejadas por fábricas de cimento e siderúrgicas, causando uma gama de alergias e problemas pulmonares (ALMEIDA, 2004, p. 55).

Além da poluição atmosférica, frisa-se o desmatamento, as ilhas de calor, a inversão térmica, a poluição visual e o esgoto jogado sem qualquer tipo de tratamento nos principais rios da cidade, o que fizeram com que o *punk* representado no fanzine Ex



usasse uma máscara visando à manutenção de sua própria saúde, reflexo de uma cidade que cuidou de forma precária da questão ambiental.

### Apontamentos Conclusivos

Os *fanzines* são uma fonte potente para a compreensão dos diferentes tipos de realidades vividas por jovens. No caso dos *fanzines punks*, ficou nítido que os impressos não tinham o objetivo de retratar somente o cenário musical, embora essa pauta existisse e foi predominante.

As fontes indicaram uma tentativa de jovens de periferia de se articularem em torno de uma pauta em comum: o movimento *punk*. Em uma cidade excludente como São Paulo, os impressos serviram para colocar as ideias dos *punks* da cidade para circular, disseminando temas e assuntos daquela conjuntura histórica.

Criando uma mídia radical por meio da estética da colagem, os *fanzines punks* trouxeram à baila inúmeras contradições que foram vividas no cotidiano da década de 1980, período marcado pela transição democrática e transformações sociais, políticas e econômicas. Ao tratar sobre a questão da violência, os impressos analisados elucubram como o Estado agia de forma autoritária contra os jovens que residiam nas áreas periféricas da cidade de São Paulo. Rotulados como violentos, os *punks* denunciaram a face autoritária da Polícia Militar, que ainda praticava suas ações como se estivessem à época da Ditadura Civil-Militar.

A polícia apareceu representada com desenhos que impunham grandes proporções aos personagens, fazendo abordagens em que tratavam os *punks* como se fossem marginais. Para além dos impressos analisados, o arquivo movimento *punk* tem várias fontes que insinuam a violência policial, geralmente associando policiais à morte, ao autoritarismo e à humilhação social. Um claro reflexo do legado autoritário nas forças policiais, que tinham a tendência de considerar pessoas residentes em periferias como se fossem bandidas ou criminosas.

Os *punks* também trouxeram à tona a discussão sobre a tarifa abusiva dos ônibus, que, ao que consta, foi frequente durante a gestão municipal do então prefeito Jânio Quadros – que adotou ônibus de dois andares que, obviamente, não resolveu a questão estrutural do problema do transporte público. *Punks* sentiram-se afetados, uma vez que o transporte coletivo foi fundamental para populações de periferia, que precisavam se deslocar pela urbe para trabalhar, estudar ou usufruir do lazer.

Ganhando uma repercussão na grande mídia, *punks* participaram de programas de auditório, foram temas recorrentes de análises de jornais sobre o seu

comportamento, bem como participaram de programas de entrevistas. O episódio narrado envolvendo o polemista deputado Afanásio Jazadgi e a briga com os *punks* só exortou a ideia de que os *punks* eram criminosos; por seu turno, os jovens colocaram o então deputado como sendo um sujeito que tinha práticas autoritárias. Contudo, estavam no programa discutindo os problemas da cidade, já que sentiam no duro cotidiano os efeitos da exclusão urbana.

O estigma dos *punks* como prática nutrida pela vontade violenta, explícita no texto de Luis Fernando Emediato, que foi colada no *Sp Punk* (1982), trouxe à tona a interpretação de uma parcela importante da elite da cidade de São Paulo, que associava tal prática cultural à violência. Os próprios *punks* reconheceram no interior dos *fanzines* que o maior problema deles era a violência entre os grupos. *Fanzines* variados trazem esse ponto de vista.

No entanto, a análise de boa parte da mídia girava em torno da rotulagem, como se os *punks* fossem desprovidos de qualquer tipo de ideal, organização ou mérito moral. Impresses analisados neste artigo mostraram a preocupação que os *punks* tinham sobre o aumento do custo de vida, com a terrível crise econômica da época e até mesmo com questões ambientais, problemática presente na insalubre cidade de São Paulo.

Para além da música, os *punks* discutiram nos *fanzines* seus problemas que seriam empiricamente reais. Assumiram o protagonismo, criando um mercado *urderground* de circulação dos impressos. A efemeridade, a dificuldade de encontrar os nomes dos editores, a minúscula tiragem e a dificuldade de produzir um *fanzine* em plena crise econômica não retirou o mérito de esses jovens discutirem, no interior do movimento, qual seria o futuro deles e da própria cidade de São Paulo, que, infelizmente, continua distante de conceder a jovens periféricos uma vida mais digna, respeitando direitos civis e sociais.

Os temas discutidos pelos *punks* são insistentemente atuais. Isso representa como a cidade de São Paulo ainda mantém, em sua estrutura, a ausência de políticas públicas voltadas para a população mais jovem e periférica. O *rap*, o *hip-hop* e o próprio *punk* seguem na luta pelo direito do jovem à cidade, sendo os *fanzines* que permitiram a popularização de uma pauta que visaria a um ideal mais democrático e inclusivo da cidade de São Paulo.

## Arquivo

Centro de Documentação e Informação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. “Arquivo Movimento Punk”, São Paulo, Cx. 36-44.

## Fontes

Folder de divulgação do show de lançamento do LP “Grito Suburbano”. *SP Punk*. São Paulo, 1982.  
*Falange Anarquista*. São Paulo, 1987.  
*Falange Anarquista*. São Paulo, 1988.  
*Violência Gratuita*. São Paulo, 1988.  
*Violência Gratuita*. São Paulo, 1989.  
*Aos Berros*. São Paulo, 1986.  
*SP Punk*. São Paulo, 1982.  
*Chantagem Ocasional*. São Paulo, 1987.  
Ex. São Paulo, s.d.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendell. *Cenas juvenis*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil (1978-1989)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- ALMEIDA, Roberto Schidt de. A industrialização e a questão ambiental na região Sudeste do Brasil. *Caminhos da Geografia*. Uberlândia, n. 4, p. 53-66, 2004.
- ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano. Por uma Sociologia dos conflitos ambientais no Brasil. *Anais do Encontro do Grupo Meio Ambiente e Desenvolvimento da Clasco*. Rio de Janeiro, n.1, p. 115-137, 2000.
- BARCELLOS, C. Rota 66 – a história da polícia que mata. 8. ed. São Paulo: Globo, 1992.  
*In: MORGADO, Maria Aparecida. Aprovação popular de execuções levadas a termo por policiais militares: um desafio político – pedagógico para os movimentos de direitos humanos. Revista da Faculdade de Educação*. Campo Grande, n. 3, p. 74-95, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. *In: LEMOS, Amalia Inés de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, María Laura (Orgs.). América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, diciembre, 2006.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. *Simpósio Educação e Sociedade Violenta*. São Paulo, n.1, 1980.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e Imprensa. *Projeto História*. São Paulo, v.35, dez. 2007, p.253-269.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais*. Tradução de Silvana Vieira. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado (Ação política, poder, e golpe de classe)*. Petrópolis, Vozes, 1981.

FISH, Justin. Rota 66: licença para matar. *Revista de Literatura Brasileira*. Porto Alegre, n. 54, p. 1-8, 2016.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. Qualidade de vida e meio urbano. A cidade de São Paulo, Brasil. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, n. 2, 1991, p. 75-86.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk: Cultura e Arte. *Varia Historia*. Belo Horizonte, n. 40, 2015, p. 747 – 770.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUIMARÃES, Edgar. *Fanzine*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

JACOBI, Pedro. *Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2006.

MAGALHÃES, Henrique. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru – São Paulo: EDUSC, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Entre Avenidas e Malocas: São Paulo de Prestes Maia e Adoniran Barbosa. In: LEENHARDT, Jacques. Et all. (orgs) *História cultural da cidade*. Porto Alegre: Marcavizual/ PROPUR, 2015, p. 38-64.

MORGADO, Maria Aparecida. Aprovação popular de execuções levadas a termo por policiais militares: um desafio político-pedagógico para os movimentos de direitos humanos. *Revista da Faculdade de Educação* (Cuiabá), n. 3, p. 74-95, jan./jun. 2005.

NEME, Cristina. *A instituição policial na ordem democrática: o caso da Polícia Militar do Estado de São Paulo*. 107 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. Do punk ao *hardcore*: elementos para uma história da música popular no Brasil. *Temporalidades*. Belo Horizonte, n. 1, 2001.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. *O anarquismo do movimento punk: cidade de São Paulo, 1980-1990*. 136 f. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PAIS, José Machado. Bandas de Garagem e Identidades Juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA; Elisabeth Murilho da (Orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: Educ, 2006, p. 29-55.

PRADO, Gustavo dos Santos. *O nascimento do morto: punkzines, Cólera e música popular brasileira*. São Paulo: e-manuscrito, 2019.

PRADO, Gustavo dos Santos. Os fanzines punks: a estética agressiva, caótica e poluída (Anos 80). In: *XXII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP*, 1, 2014, Santos - SP: Anais do XXII Encontro Estadual de História da Anpuh. Santos – SP: Anpuh, 2014, p. 1-15.

PRADO, Gustavo dos Santos. A exclusão no papel: a vida na periferia presente nos fanzines punks de São Paulo (anos 1980 e 1990). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Porto Alegre, n. 18, p. 227-245, 2017.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo – uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto de nosso ambiente: a passagem sonora*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, Francisco Acasio da. *Mobilidade urbana e transporte público na cidade de São Paulo*. Nono modal da extensão do Monotrilho da Zona Leste. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais), Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2014.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX – tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. Coleção Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2009, p.31-36.

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. *O movimento punk no ABC paulista*. Anjos: uma vertente radical. 277 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

VASCONCELOS, Eduardo Alcântara de. *Circular é preciso, viver não é preciso: a história do trânsito na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.

VIOLA, Eduardo J. A heterogeneidade política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* (São Paulo), n. 4, 1977, s.p.

VIOLA, Eduardo J. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do Ambientalismo à Ecopolítica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.3, n.3, 1986.

ZAVERUCHA, Jorge. Rumor de Sabres: tutela militar ou controle civil? São Paulo: Ática, 1994. In: CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina. *Militares e política da Nova República*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.